

PROTESTO NO ABC: Metalúrgicos protestam contra o aumento do desemprego e a proposta de mudanças na aposentadoria

FHC é vaiado em reduto da CUT

Presidente lembra tempos da ditadura e diz que os trabalhadores conquistaram a democracia

• SÃO PAULO. Vinte anos depois de ter subido ao palanque com Luiz Inácio Lula da Silva e os sindicalistas do ABC paulista, lutando pelo fim da ditadura, o presidente Fernando Henrique Cardoso foi vaiado na manhã de ontem na solenidade de lançamento do Ka, o novo carro mundial da Ford. O que era para ser uma festa, acabou se transformando num verdadeiro embate de idéias entre os sindicalistas, liderados por Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), e Fernando Henrique.

Desde as 7h da manhã, cerca de dez mil metalúrgicos — segundo cálculos da PM — da Ford, da Volkswagen, da Scania e da Multibrás aglomeravam-se na porta da Ford gritando palavras de ordem e segurando faixas com dizeres contra o Governo. Quando o presidente chegou, havia dentro do galpão outros cinco mil metalúrgicos, que também protestavam. A cada menção do nome do presidente e de membros de sua comitiva, as vaidas se repetiam. Quando discursou, depois de Vicentinho falar, Fernando Henrique reagiu:

— No passado o clamor das multidões era calado com fuzis, baionetas, tiros e helicópteros sobrevoando nossas cabeças. O trabalhador conquistou seus direitos e um dos primeiros desses direitos é o da palavra. E o mesmo direito que o trabalhador têm, também pertence ao presidente da República.

Nos últimos seis anos, 80 mil postos de trabalho no ABC teriam acabado

O pronunciamento de Fernando Henrique acabou se transformando numa resposta às cobranças de Vicentinho. O presidente da CUT disse que a inauguração da linha de montagem do Ka não cria um único emprego e que os metalúrgicos estavam se manifestando democraticamente. Segundo ele, 80 mil postos de trabalho foram fechados no ABC paulista nos últimos seis anos e quem conseguiu manter o emprego está preocupado com o projeto que tramita no Senado, que aumenta a idade mínima de aposentadoria para 65 anos.

— As pesquisas indicam que a vida média do brasileiro é de 65 anos. Se o projeto for aprovado, saímos da fábrica direto para a cova — disse Vicentinho.

Fernando Henrique respondeu, em seu discurso, que não existia a proposta de que a aposentadoria fosse só aos 65 anos. O presidente foi aplaudido na hora, mas acabou sendo execrado depois pelos sindicalistas quando Vicentinho reafirmou, em ato realizado pouco após, que o projeto tramitou no Senado ano passado e pode entrar em vigor.

Em seu discurso o presidente da CUT também tinha cobrado de Fernando Henrique uma política industrial e de geração de empregos e o fim das negociações do contrato temporário de trabalho. Segundo Vicentinho, não é facilitando demissões que empregos serão gerados. O momento de maior tensão aconteceu quando Vicentinho lembrou

Sérgio Tomizaki



FERNANDO HENRIQUE: 'Não é necessário lei para que a jornada de trabalho seja reduzida. Só não vou me prestar a demagogia porque não é papel do presidente assinar abaixo-assinados'

as declarações de Fernando Henrique no dia anterior, na sede da Força Sindical, de que apoiava a redução da jornada de trabalho. Sacou do bolso um abaixo-assinado organizado pelos metalúrgicos do ABC para uma emenda popular pela redução da jornada e disse que seria uma honra ter a assinatura do presidente, já que ele tinha a mesma posição sobre o assunto. Na hora, os metalúrgicos mostraram canetas e gritaram: "assina, assina!". Fernando Henrique disse para Vicentinho que firmaria depois, o que acabou não acontecendo.

— Não é necessária a criação de uma lei para que a jornada de trabalho seja reduzida. Façam negociações coletivas que o Governo apóia. Negociem reduções de impostos que o Governo apóia. Só não vou me prestar a demagogia porque não é papel do presidente da República assinar abaixo-assinados e sim referendar e sancionar leis — disse mais tarde Fernando Henrique, sob vaias.

— O Fernando Henrique de hoje é diferente do que dividia o carro de som com o Lula. Já tentamos negociar com o Governo e eles confundiram negociação com negociação. O discurso deles não nos sensibiliza mais — afirmou Vicenti-

nho, reforçando as divergências.

Em seu discurso, respondendo a uma indagação de Vicentinho, o presidente declarou que o Governo está empenhado em encontrar respostas para o desemprego e pediu a ajuda dos metalúrgicos. Disse que eles devem procurar o ministro do Trabalho, Paulo Paiva, que está aberto ao diálogo. O presidente afirmou ainda que receberá a liderança do Movimento dos Sem Terra no dia 17 de abril e sempre que eles pedirem.

Considerada a base de metalúrgicos mais atuante do país, a fábrica da Ford de São Bernardo, no bairro do Taboão, foi palco, em 1990, da mais longa greve da indústria automobilística brasileira. Iniciada no dia 11 de junho de 1990, a greve só terminou em 3 de agosto, depois de uma paralisação de 51 dias.

Depois de enfrentar os metalúrgicos de manhã e assinar o contrato de duplicação da BR-116, Fernando Henrique recebeu um grupo de empresários do setor alimentício em sua casa, no final da tarde. Segundo Luiz Fernando Furlan, presidente da Sadia, um dos assuntos tratados foi a questão dos subsídios aos produtos europeus e às barreiras contra as exportações brasileiras. ■